

A LITERATURA DE TERROR COMO INCENTIVO À LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA PRÉ-ADOLESCENTES

DALCANALLE, Lucieli¹

MASSAGLI, Sérgio Roberto²

RESUMO: O presente artigo busca mostrar como a literatura fantástica, com enfoque no subgênero terror, pode auxiliar no incentivo à leitura de estudantes que estão nas séries iniciais do segundo ciclo do ensino fundamental. Para tanto nos apoiaremos nas teorias de Tzvetan Todorov sobre a literatura fantástica e Stephen King, mais especificamente, sobre o terror, e Remo Ceserani sobre as principais características encontradas no gênero fantástico. Também apresentaremos as considerações de Michelè Petit, Anna Maria Pessoa de Carvalho sobre os motivos que causam a falta de interesse dos pré-adolescentes pela leitura, Nelly Novaes Coelho, que apresenta os temas que mais se encaixam com a faixa etária estudada, e Nádia Battella Gotlib, que aborda as características do conto. Por fim, será exposta uma proposta de como o conto de terror poderia ser trabalhado em sala de aula, com o intuito de instigar os alunos a buscarem novos textos, independente de qual gênero for.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura fantástica, contos de terror, letramento literário.

RESUMEN: El presente artículo busca mostrar como la literatura fantástica, con enfoque en el subgénero terror, puede auxiliar en el incentivo a la lectura de estudiantes que están en los grados iniciales del segundo ciclo de la enseñanza fundamental. Para tanto nos apoyaremos en las teorías de Tzvetan Todorov sobre la literatura fantástica y Stephen King, más específicamente, sobre el terror, y Remo Ceserani sobre las principales características encontradas en ese género. También presentaremos las consideraciones de Michelè Petit, Anna Maria Pessoa de Carvalho sobre los motivos que causan la falta de interés de los preadolescentes por la lectura, Nelly Novaes Coelho, que presenta los temas que más se encajan con el nivel de edad estudiado, y Nádia Battella Gotlib, que aborda las características del cuento. Por fin, será expuesta una propuesta de cómo el cuento de terror podría ser trabajado en la sala de clase, con el objetivo de instigar a los alumnos a buscar nuevos textos, independiente de cuál sea el género.

PALABRAS-CLAVE: Literatura fantástica, cuentos de terror, literacidad literaria.

Introdução

Estudos realizados na área da leitura literária apontam uma crise entre os alunos do ensino fundamental, e, de acordo com Perissé e Santos de Matos (2011), uma das principais causas dessa diminuição da leitura é consequência das práticas de leitura dos

¹ Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR.

² Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR. Orientador da acadêmica Lucieli Dalcanalle, no artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso II.

professores, pois é preciso que o professor se torne um leitor competente para poder influenciar seus alunos.

Já uma pesquisa realizada pela Retrato da Leitura no Brasil³ e divulgada no site da revista Veja em 2011 revela que o índice de leitores diminuiu cerca de 5% em 4 anos, e suas causas foram atribuídas à falta de incentivo dos familiares e ao aumento da sofisticação dos aparelhos eletrônicos, como a televisão, o computador e o celular.

Esse aprimoramento dos meios tecnológicos tende a cada vez mais afastar os pré-adolescentes do contato com o livro impresso, pois as diversões ali encontradas se inserem no cotidiano com muito mais rapidez e os fascinam com muita facilidade, diferentemente do processo da leitura, que demanda um pouco mais de tempo (as vezes várias horas e muita tranquilidade).

Conforme esses dados e mediante a experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, ofertado pela Universidade Federal da Fronteira Sul, verifiquei através das oficinas de leitura, realizadas no turno e no contraturno, que a grande maioria dos estudantes pratica a leitura por obrigação, não leem pelo simples prazer de ler e que, quando apresentados a um conto de terror, os estudantes prestavam mais atenção e se envolviam com facilidade na narração.

Isso se deve ao fato de que a literatura fantástica envolve uma atmosfera de suspense, de curiosidade, de espanto e de imprevisibilidade. Assim como afirma Todorov “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2010a, p. 31). Por meio da linguagem utilizada pelo autor do texto de terror, o leitor é levado por um caminho de acontecimentos sobrenaturais, que indica a aparição de seres ou objetos animados e/ou deformados que causam espanto e ao mesmo tempo prendem o leitor para que chegue até o final e desvende o mistério ali encontrado.

A grande maioria dos estudantes, principalmente na fase da pré-adolescência, não encontram motivação para pegar um livro de literatura e ler, independente do gênero que for. Preferem assistir a um filme ou a um programa de televisão a ler. Isso se dá, muitas vezes, pela maneira como o professor utiliza o texto literário em sala de aula, usando-o como pretexto para abordar outro assunto, esquecendo-se da verdadeira essência do livro de literatura (CARVALHO, 2008), que de acordo com Carvalho é buscar um possível entendimento da vida humana, conhecer através da linguagem figurada os sentimentos que

³ Retrato da Leitura no Brasil é o título da pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em união com o Ibope Inteligência.

perpassam por qualquer geração. Desta forma, os alunos não encontram motivos que os inspirem a realizar outras leituras que não as exigidas pela escola.

Tendo por base esses pressupostos e toda a contextualização teórica acerca da literatura de terror e dos processos de leitura, buscaremos mostrar como esse gênero da literatura pode auxiliar na motivação dos pré-adolescentes para a busca de novos textos e as indagações que a linguagem empregada pode causar.

Pensando desta forma, o objetivo central que norteará toda a pesquisa será buscar apresentar uma possível metodologia para incentivar os alunos a buscarem novos livros. Os objetivos específicos que nos propomos alcançar durante a produção deste artigo serão: a reflexão acerca da influência da literatura de terror em pré-adolescentes, a análise reflexiva de como o livro didático destinado aos anos iniciais do segundo ciclo do ensino fundamental aborda a literatura fantástica e propor uma possível maneira de trabalhar com o terror em sala de aula, a fim de despertar nos estudantes o gosto pela leitura.

Tais objetivos serão desenvolvidos a partir do estudo de textos teóricos (revisão bibliográfica) que falam sobre a literatura fantástica (terror) e que problematizam o papel do professor quanto à metodologia que utilizam para apresentar os textos literários aos alunos.

Com o intuito de conferir mais legitimidade aos conceitos e propostas que serão formulados, serão utilizados alguns contos de terror para exemplificar possíveis propostas de trabalho com textos literários.

A literatura fantástica e o terror: principais características e temas

A literatura fantástica é um gênero amplo que agrega muitos subgêneros, podendo ser o maravilhoso, o terror, o sobrenatural, o estranho, entre tantos outros. Qualquer uma dessas categorias fazem o leitor sair de uma leitura monótona e se envolver emocionalmente com a narrativa.

Muitos foram os autores que buscaram definir a literatura fantástica, mas foi Tzvetan Todorov quem conseguiu explicar com mais precisão a ocorrência do fantástico. Para ele, a principal condição para que exista a literatura fantástica é a hesitação, que vai requerer um envolvimento do leitor com os personagens, pois, como afirma: “o fantástico implica, pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua de que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados”

(TODOROV, 2010a, p. 37). O leitor tende a hesitar perante um texto no momento em que se depara com situações que fogem à sua realidade, que o fazem identificar uma linearidade ficcional, uma sequência de acontecimentos que o levam por caminhos aparentemente reais, mas inexplicáveis.

Ainda segundo Todorov (2010a), o fantástico só não será fantástico se tiver alguma explicação racional. Se conseguirmos explicar algum acontecimento através de uma lógica racional e científica, não é possível o fantástico, pois para este não se encontra explicação lógica consistente. Esse gênero se encontra entre o real e o irreal.

Além da hesitação, existem outras três circunstâncias que são necessárias para a definição de literatura fantástica, segundo Todorov:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; [...] no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética” (Idem, p. 38-39).

A partir desses argumentos de Todorov, podemos perceber que o leitor somente vai conseguir integrar-se com o texto fantástico depois que adquirir experiência, depois que obtiver conhecimentos que o auxiliem no envolvimento com diferentes circunstâncias que possam surgir.

Quanto ao trajeto percorrido pela literatura fantástica e levando em consideração que contar histórias de terror remonta a épocas muito antigas, Lovecraft (1987), afirma que a literatura fantástica começou a fazer parte dos círculos acadêmicos a partir de meados do século XVII e acredita que

[...] é na verdade notável que a narrativa fantástica como forma literária definida e academicamente reconhecida tenha tardado tanto em acabar de nascer. O impulso e a atmosfera são tão antigos quanto o homem, mas o típico conto de horror da literatura corrente é filho do século dezoito (LOVECRAFT, 1987, p. 12).

Essa afirmação esclarece que durante muitos anos a literatura fantástica (de terror, horror, sobrenatural) ficou à margem da sociedade, restringindo-se às populações pobres, que acreditavam em mitos, bruxarias, presságios, entre outros.

Os textos fantásticos apresentam alguns temas que são fundamentais para a sua realização enquanto gênero, alguns destes itens podem aparecer em outros gêneros também, bem como podem estar todos em uma mesma obra. Remo Ceserani (2006), em

seu livro *O Fantástico*, explicita quais são os sistemas temáticos mais recorrentes da literatura fantástica. O primeiro é “*a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo*” (CESERANI, 2006, p. 77), o jogo entre o dia e a noite, o claro e o escuro são instrumentos frequentes do fantástico. O segundo é “*a vida dos mortos*” (Idem, p. 80), que se caracteriza por escrever sobre como é a vida depois da morte ou a ressurreição desses mortos. O terceiro é “*o indivíduo, sujeito forte da humanidade*” (Idem, p. 80), que indica um sujeito autoafirmado em si, que consegue ultrapassar obstáculos sem nenhum auxílio. O quarto é “*a loucura. [...] Ele está ligado aos problemas mentais da percepção*” (Idem, p. 83), leva o personagem às profundezas do seu ser e aborda o pessimismo. O quinto é “*o duplo*” (Idem, p. 83), é consequência da loucura e indica a duplicidade da personalidade de cada ser, o interior e o exterior. O sexto é “*a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível*” (Idem, p. 84), ou seja, de um personagem estranho, tido também como estrangeiro. O sétimo é “*o Eros e as frustrações do amor romântico*” (Idem, p. 85), que se caracteriza com a auto-afirmação do duplo. E o último é “*o nada*” (Idem, p. 88), que é quando o sentido do limite se torna na ruína e no nada.

Outro tema que é frequentemente observado na literatura fantástica é a imortalidade, que se equipara com a aparição do estranho, pois este pode ser humano ou inumano, mortal ou imortal.

Além dos temas, outro aspecto que é importante para a construção/classificação da narrativa fantástica é a estrutura em que o texto foi escrito. Ceserani elenca 10 características que considera importantes para a literatura fantástica, são elas: colocar os procedimentos narrativos em relevo durante a narração (fazer o leitor se envolver com o texto, mas avisá-lo que é apenas uma história); a narração ser em primeira pessoa (e constante presença de destinatários explícitos); a criatividade da linguagem (utilização de metáforas); primeiro o envolvimento do leitor para depois a surpresa, o medo; a passagem do limite da realidade para o sonho, o pesadelo (transpor fronteiras); ter um objeto mediador (que se encontra em um dos limites e é levado para o outro lado); as elipses (lacunas na escritura, vazios que o autor deixou para intensificar a surpresa e aguçar a curiosidade); a teatralidade (criar a ilusão); a figuratividade (elementos visuais e gestuais); e o detalhe (das cenas descritas) (CESERANI, 2006, p. 68-77).

Dentre todas essas características temáticas da literatura fantástica apontadas por Ceserani, algumas se encontram mais intensificadas, com um grau maior de suspense nas histórias de terror, como por exemplo: a questão da noite, da escuridão, da loucura e da

aparição do estranho são os elementos mais encontrados, pois são os que enfatizam o medo, o terror e o sobrenatural. Como no conto *A pata do macaco*, de W. Jacobs, que por mais que não apareça o estranho, as outras características estão fortemente marcadas.

O escritor e romancista do terror da contemporaneidade, Stephen King, escreveu um livro intitulado *Dança Macabra* (2012), em que buscou explicar a ocorrência do terror tanto em livros literários quanto em filmes e seriados⁴.

De acordo com King, a grande maioria das pessoas acredita que quem gosta de ficção de terror, seja a fílmica ou a literária, é considerado anormal, pois gosta de sentir medo, de imaginar situações e pessoas que fogem da “normalidade” estabelecida pelas regras da sociedade. Aponta que “O terror nos atrai porque ele diz, de uma forma simbólica, coisas que teríamos medo de falar abertamente, aos quatro ventos; ele nos dá a chance de exercitar (veja bem: *exercitar*, e não *exorcizar*) emoções que a sociedade nos exige manter sob controle” (KING, 2012, p. 60), ou seja, o terror só vai aterrorizar quem sente medo de qualquer situação que possa aparecer.

Stephen King estabelece três níveis de intensidade para a classificação desse gênero: o horror, o terror e a repulsa. Todos podem estar presentes em um mesmo texto como também apenas um deles. O horror seria a emoção presente na superfície do texto, é a mostra de que algo não está normal, mas que pode ser explicado com argumentos convincentes (reais), pode-se dizer que é algo nojento, mas suportável.

Já o terror é a emoção imaginada e experimentada pela mente. Alguns ruídos no sótão, batidas na porta, o barulho do vento, galhos quebrando se tornam aterrorizantes quando imaginados por uma mente criativa, que não acredita serem apenas barulhos naturais, mas que existe alguém ou algo por trás.

A repulsa se enquadra no último nível, pois é a emoção mais forte que se possa sentir ao ler um livro de terror, é visualizar algo repugnante, a pior coisa que possa ser possível fazer com um corpo humano ou animal (contar detalhadamente a separação dos membros de uma pessoa, ou um assassinato, ou acidente, entre outras possibilidades).

Em seu livro, King apresenta de forma simples e objetiva esses três níveis de intensidade:

eu compreendo o horror como a emoção mais apurada [...], por isso vou tentar horrorizar o leitor. Mas se eu perceber que não vou conseguir horrorizá-lo, tentarei aterrorizá-lo e, se perceber, então, que não vou

⁴ Neste artigo iremos nos deter no terror em textos literários, que é o foco deste trabalho.

conseguir aterrorizá-lo, vou apelar para o terror explícito (KING, 2012, p. 50-51).

Esse terror explícito de que fala King (2012) pode ser denominado também de repulsa, que é o nível de intensidade mais forte encontrada nas histórias de terror. Por vezes, o terror implícito (1º e 2º nível) atinge mais profundamente o leitor, alcança o interior do indivíduo, causando-lhe emoções assustadoras, o medo e a tensão misturados.

A leitura no âmbito escolar

Assim como citado no início deste artigo, os pré-adolescentes estão lendo cada vez menos, devido aos meios de comunicação que se instauram muito rápido no ambiente familiar. Michèle Petit em seu livro *Os jovens e a leitura*, fala sobre essa situação, em que “[...] aos livros, os jovens preferem o cinema ou a televisão, que identificam com a modernidade, a rapidez e a facilidade; ou preferem a música, o esporte, que são prazeres compartilhados” (PETIT, 2008, p. 17). Petit afirma também que, na grande maioria, mesmo os adolescentes que leem, o fazem em meio a barulhos de música ou em frente a televisões ligadas, ou seja, não sabem o que é uma leitura em silêncio.

Além de todos os equipamentos tecnológicos que estão surgindo, uma das consequências para esse desinteresse pela leitura apontada por Anna Maria Pessoa de Carvalho (2008), em seu livro *Ensino de Língua Portuguesa*, revela que é a escola a responsável pelo desestímulo dos pré-adolescentes, apresenta que a “literatura, especialmente no Ensino Fundamental, serve, em geral, para discutir questões educacionais, moralizadoras, civilizadoras e pedagógicas” (CARVALHO, 2008, p.80), deixando de lado, dessa forma, o estudo do texto por si próprio.

Essa maneira de trabalho com o texto literário apontada por Carvalho (2008) retrata a utilização do texto como pretexto para se trabalhar outro assunto, excluindo-se a sua verdadeira função, que é a de estudar o texto sem abordar quaisquer outros elementos que não estejam ali presentes. A autora assinala, ainda, que “adentrar nas especificidades do texto é, sobretudo, reconhecer seus espaços de conflitos, os impasses, as mudanças, enfim, as diferenças de linguagem” (Idem, p. 84), ou seja, são tantas as possibilidades de estudar o texto por si próprio que não há necessidade de abordar outros temas.

De acordo com Carvalho (2008), antes de querer que os alunos leiam pelo simples prazer de ler, é necessário conhecê-los, fazer com que reflitam acerca dos vários

conhecimentos linguísticos e culturais que a leitura pode trazer, “a questão do gosto passa pela necessidade de refletir, primeiro, sobre o que e como os alunos lêem. [...] Trata-se de criar, com o aluno, a possibilidade de reconhecer, ler e interpretar um texto literário” (Idem, p. 100-101), interpretação esta que requer do professor estudo e conhecimento, sendo um leitor atento, atualizado com a realidade que o cerca e ser competente no que faz.

Com relação ao que pode ser trabalhado com os alunos que estão nas séries iniciais do segundo ciclo do ensino fundamental, Nelly Novaes Coelho (2000) destaca que são estudantes que já possuem o domínio da leitura, que as imagens não se fazem mais necessárias, se interessam por contos, crônicas ou novelas e que a grande maioria dos textos que lhes chamam atenção, trazem a presença do “[...] maravilhoso, mágico, fantástico ou absurdo [...]” (COELHO, 2000, p. 39).

Devido a esse motivo, optou-se por dar enfoque à literatura fantástica, com especificidade contos de horror/terror, com base na pressuposição de que trabalhar com esse gênero instiga a imaginação dos estudantes, proporcionando-lhes sensações das mais diversas possíveis, mas principalmente o medo, a hesitação e a curiosidade, como será apresentado a seguir.

O conto como metodologia de ensino

Como ponto de partida para a realização de uma proposta metodológica, buscamos verificar nos livros do 6º e do 7º ano da rede pública de ensino, do núcleo de Francisco Beltrão, o que os livros didáticos ofertados pelo governo abordavam sobre a literatura fantástica (especialmente a de terror). Constatou-se que o livro *Português Linguagens* (2012), destinado ao 6º ano do ensino fundamental apresenta em dois capítulos alguns contos maravilhosos (um deles é *Senhora Holle* dos Irmãos Grimm e Perrault e o outro é *Peter Pan* de James Barrie, ambos se encontram na primeira unidade do livro didático em capítulos diferentes), mas em nenhum momento faz-se referência aos contos de terror.

Já o livro *Português Linguagens* (2012), destinado aos alunos do 7º ano do ensino fundamental traz dois fragmentos da obra ‘Frankenstein’. Um dos fragmentos é a parte em que Frankenstein encontra-se com sua criação, e o outro é uma parte em que o monstro conta como aprendeu a falar, a se relacionar com as outras pessoas e o surgimento do seu ódio pelo seu criador. As perguntas de compreensão e interpretação pedem para os estudantes retirarem algumas informações do texto e outras para que eles expressem

alguma opinião, e como seria um possível final do romance (que os estudantes imaginassem o final com base nos dois fragmentos que estavam presentes no livro didático). Mas em nenhum momento explica-se o que é o gênero terror, como surgiu e obras mais recentes e importantes. Esse conteúdo está presente na última unidade do livro didático e esse texto, em específico, se encontra no último capítulo.

Os dois fragmentos presentes no livro didático possuem elementos muito interessantes para o trabalho em sala de aula, desde que o professor tenha conhecimento do restante da história, para exemplificar com mais clareza de detalhes o que aconteceu antes do encontro e o que aconteceu depois. São trechos que, se narrados de maneira adequada (ênfatizando determinadas palavras ou frases, por exemplo, na frase ““Demônio! Como ousa aproximar-se de mim?”” (CEREJA, 2012, p. 216), poderia ser lido com uma voz grossa quase gritando e exprimindo muita raiva), fazem os alunos sentirem hesitação e medo diante da figura imaginária que o monstro pode se tornar. Elementos esses (hesitação e medo) que são essenciais na literatura de terror.

A grande maioria das questões de interpretação pressupõe certa mecanicidade quanto à elaboração das respostas, pois pedem para os alunos extraírem as informações do texto, cujas respostas seguem uma linearidade, uma vez que bastaria o aluno voltar ao texto para encontrar a resposta. Poucas são as perguntas que fazem os alunos interagir com o texto. De maneira geral, seria interessante que a grande maioria das perguntas fossem de interação e não de mera decodificação ou extração de informações.

Com base nessa análise, percebemos que o gênero terror se encontra praticamente excluído da vida escolar dos pré-adolescentes. Por mais que essa fase seja a de que os alunos se interessam por histórias fantásticas, irreais, como apontou Coelho (2000), os livros didáticos não levam em consideração esse fato e se preocupam mais com as questões lingüísticas (predicativo, objeto direto e indireto, entre outros).

Levando em consideração todos esses dados, buscaremos expor algumas possibilidades metodológicas que podem auxiliar no trabalho com o texto de terror. Serão utilizados alguns contos, mas estes enfoques também podem ser usados no estudo de romances e poemas de terror/horror.

De acordo com Nádía Battella Gotlib (2006), em seu livro *Teoria do conto*, os contos se caracterizam por serem narrativas breves e objetivas. Breves por não ocuparem muito tempo e objetivas pelo fato de não apresentarem a mesma riqueza de detalhes que um romance, por isso ocultam certos fatos para que o leitor imagine e preencha as lacunas

que faltam. No caso dos textos de terror, essas lacunas se tornam a chave para o efeito do medo, do suspense, da hesitação.

Especificamente no conto de terror, Gotlib (2006) salienta que “[...] o *efeito singular* tem uma especial importância, pois surge dos recursos de expectativa crescente por parte do leitor ou da técnica do *suspense* perante um enigma, que é alimentado no desenvolvimento do conto até o seu desfecho final” (GOTLIB, 2006, p. 37). Esse efeito singular refere-se a sensação que o leitor sente no momento da leitura, dependendo do nível de interação com a história, e o suspense se desenvolve através da expectativa que é gerada quando ocorre a supressão de algumas informações no decorrer da narrativa. Isso pode ser observado no primeiro parágrafo do conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe, em que a todo instante o narrador fala de que são apenas acontecimentos domésticos, a que não se deveria dar muita importância, mas para o personagem tais acontecimentos “[...] aterrorizaram, torturaram e destruíram” (POE, p. 01), o que já indica não serem acontecimentos tidos como normais ou “domésticos”.

Com este mesmo conto, na sala de aula, o professor pode fazer uso da leitura oral, mudando constantemente o tom de voz utilizado, aplicando mais suspense e crueldade em certas passagens (“Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo. [...] Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos” (POE, p. 3)) e deixando a voz mais serena em outras (“Casei cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos” (Idem, p. 2)). Gotlib (2006) afirma que é a entonação utilizada que vai distinguir um texto de terror de um texto de distração. Mas para saber usar adequadamente esse instrumento, o professor precisa conhecer o texto, ter-lhe estudado com antecedência. Além disso, é preciso reconhecer que em suas origens o conto era um gênero da oralidade e, assim, valorizar esse aspecto em algum momento da aula de leitura, entregando-se à sua contação.

Esse conto, “O gato preto”, se encaixa naquilo que King (2012) chama de terror explícito, em que são descritas com muita frialdade realista a cena do enforcamento, da morte da mulher, da ação de arrancar o olho do gato, do cadáver em decomposição em companhia do gato. São cenas que, dependendo do grau de sensibilidade dos alunos, podem causar muito medo ou repugnância, por isso, deve o professor fazer uma contextualização antes da leitura, pois podem haver alunos que fogem de qualquer coisa

que podem lhe causar medo. Poderia explicar que irão aparecer algumas cenas de que eles podem não gostar, mas que não é para serem tomadas como algo real, e sim apenas uma história que alguém está contando, valendo-se desses elementos para causar o efeito de terror, horror ou repulsa no leitor, e aproveitar o ensejo para fazer uma breve caracterização desse gênero.

Posterior a essa primeira leitura do conto, o professor pode chamar a atenção dos alunos para a linguagem e a estrutura em que o conto está escrito, mostrando as várias idas e voltas que o narrador faz para contar a história, às vezes voltando ao passado, criticando suas próprias ações e insistindo que o que está acontecendo são fatos que não possuem nenhum tipo de relação entre si. Atentado para cada frase ou parágrafo de maneira a que os pré-adolescentes identifiquem o que está subtendido, instigando para que se expressem sobre o que imaginam que poderia acontecer com os personagens.

Outro conto de terror que poderia ser trabalhado com os pré-adolescentes é “a pata do macaco” de W. Jacobs. Esse conto se enquadra no terror implícito (KING, 2012) e está mais carregado de medo, mistério e suspense do que o conto anterior. A linguagem que o narrador usa faz o leitor acreditar nas superstições sobre a pata e cada som ou acontecimento que é descrito instaura mais medo e terror.

Assim como foi dito em relação ao conto anterior, a maneira com que o conto pode ser lido influencia muito em seus significados e nos efeitos que causa no leitor. Uma leitura bem compassada, com elevações e diminuições no tom de voz, no caso de “A pata do macaco”, que auxiliam na criação do clima de mistério e horror, enquanto, ao mesmo tempo, a linguagem utilizada pelo escritor mantém o leitor preso à narrativa, querendo saber o que vai acontecer em seguida, mesmo que essa consequência seja muito desagradável.

Apesar de algumas palavras estarem além do repertório dos estudantes, isso não influencia no estudo desse conto. No decorrer da leitura e conforme os alunos questionarem sobre o significado de determinadas palavras, pode-se explicá-las simultaneamente, mas instigando para que eles falem sobre o que acreditam que significam, levando em consideração o contexto em que ela está inserida.

Na última cena da narrativa, o narrador busca atingir a ápice do terror nesse conto, pois une a descrição detalhada do que estava acontecendo com a subtração de algumas informações essenciais,

Ouviu o ranger da tranca quando esta se destravou lentamente, e no mesmo momento encontrou a pata de macaco, e desesperadamente fez o terceiro e último pedido.

As batidas pararam subitamente, embora ainda ecoassem na casa. Ele ouviu a cadeira ser arrastada de volta, e a porta se abrir. Um vento frio subiu pela escada, e um gemido alto e demorado de decepção e tristeza da esposa lhe deu coragem para correr até ela e depois até o portão. O lampião da rua que tremulava do outro lado brilhava numa estrada silenciosa e deserta (JACOBS, 2014).

Em uma atividade final com os alunos, seria interessante que eles supusessem qual seria esse terceiro pedido que ficou subtendido, como poderia haver um vento frio e, logo em seguida, a rua estar calma e silenciosa, e questioná-los sobre o que imaginam que estava atrás da porta e o que sentiram ao ler esse trecho.

Posterior à leitura e a fim de sanar as dúvidas dos estudantes, o professor pode trabalhar a questão da noite, do vento, de pequenos barulhos no silêncio, como estes elementos podem assustar e fazer a imaginação inventar tantas situações aterrorizantes. São situações (a noite, o vento, os ruídos) presentes no cotidiano que King (2012) aponta como serem os elementos que mais causam terror, pois afirma que o que o terror “[...] procura é o lugar onde você, o espectador ou leitor, viva no seu nível mais primário” (King, 2012, p. 22), buscando atingir o psicológico do indivíduo, mexer com as emoções que se busca esconder e acredita-se ter sobre controle.

Em ambos os contos, é importante mostrar aos alunos que todo esse mistério, o suspense, a surpresa e o medo são percebidos devido ao jogo da linguagem utilizado pelos escritores, que procuraram usar a noite, o silêncio, seres sobrenaturais, o estranho, a loucura dos personagens, o nada, os ruídos no decorrer da história para desencadear o medo nos leitores e, ao mesmo tempo, ativar a curiosidade em saber o que acontece no final da história.

Considerações finais

Além das questões expostas acima acerca do desinteresse dos pré-adolescentes, que é o tratamento inadequado destinado à leitura literária nas escolas e às novidades da tecnologia, outro ponto que deve ser considerado é a falta de incentivo dos pais. Com a vida organizada a partir do trabalho, de cuidar da casa, preparar as refeições, o tempo destinado à leitura é praticamente nulo e, quando se tem um espaço que poderiam destinar

a essa atividade, preferem assistir TV ou mesmo dormir. Como a maioria das crianças tem os pais como exemplo, também procuram fazer outras atividades que não sejam a leitura.

Devido a esses fatos, defendemos que é na escola que o gosto pela leitura seja ativado, tendo professores preparados e dispostos a mostrar aos estudantes que a leitura revela sentidos e conhecimentos que não se encontram em outros lugares, que como afirma Todorov, conhecer esses sentidos nos conduzem “[...] a um conhecimento do humano [...]” (TODOROV, 2010b, p. 89), e refletir sobre os aspectos sociais e culturais que ali estão presentes, contribuem para o entendimento da própria existência humana. Ao mesmo tempo, deve-se cuidar para não usar o texto como pretexto, não fugir daquilo que é apresentado pelo autor, para não desviar-se do sentido do texto.

Com relação ao enfoque atribuído à literatura fantástica, podemos constatar que por mais que o terror seja um gênero que não agrada a todos, é na fase da pré-adolescência que se busca descobrir o novo, de se aventurar por caminhos tidos como proibidos e perigosos, de desafiar os limites impostos e, tendo isso em mente, procurou-se propor esse gênero como ponto de partida para o incentivo à leitura, ficando o professor responsável por indicar outros gêneros textuais aos alunos que não se familiarizarem com o terror.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (coord.). O “lugar nenhum” da literatura nas aulas de Língua Portuguesa. In: _____ *Ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português Linguagens: Manual do professor*, 6º ano. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português Linguagens: 7º ano*. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

CESERANI, Remo. *O Fantástico*. (Trad.) Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: <http://minhateca.com.br/Otoxp/Livros/Teoria+Literaria/N*c3*a1dia+Battella+Gotlib+-+Teoria+do+Conto,22977555.pdf>. Acesso em 16 jan. 2015.

GOULART, Nathalia. *Hábito de leitura cai no Brasil, revela pesquisa*. In: Revista Veja online, Educação, 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas/>>. Acesso em 11 mar. 2015.

JACOBS, William Wymark. *A pata do macaco*. 2014. In: Assombrado.com.br. Disponível em: <<http://www.assombrado.com.br/2014/02/conto-assombrado-pata-do-macaco-ww-jacob.html>>. Acesso em 24 maio 2015.

KING, Stephen. *Dança macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero*. (Trad.) IBÁÑEZ, Louisa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. (Trad.) LINKE, João Guilherme. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/AUDiscurso/lovecraft-h-p-o-horror-sobrenatural-na-literatura>>. Acesso em 11 fev. 2015.

PERISSÉ, Gabriel; SANTOS DE MATOS, Nailton. *Leitura e professores: uma relação em crise*. Revista International Studies on Law and Education, 2011. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle7/49-54Gabriel.pdf>>. Acesso em 11 mar. 2015.

PETIT, Michelè. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. (Trad.) Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

POE, Edgar Allan. *O gato preto*. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b159.pdf>>. Acesso em 24 maio 2015.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. (Trad.) CASTELLO, Maria Clara Correa. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010a.

_____. *A Literatura em Perigo*. (Trad.) MENTA, Caio. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010b.